



EIXO 3: POLÍTICAS CURRICULARES, AVALIAÇÃO E TRABALHO DOCENTE NO ÂMBITO LOCAL, NACIONAL, REGIONAL E GLOBAL NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORAS-PESQUISADORAS: EXPERIÊNCIAS INVISÍVEIS NO TEMPO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Alessandra Londero Almeida

UFPel

alessandra.londero111@gmail.com

Maiane Liana Hatschbach Ourique

UFPel

maianeho@yahoo.com.br

Resumo

Nas últimas décadas, a atividade docente, especialmente aquela exercida por professoras-pesquisadoras em contextos universitários e formativos, têm sido atravessadas por dinâmicas de gestão performativa, impulsionadas por sistemas de avaliações (CAPES, INEP), rankings universitários e pela adoção interna de métricas de produtividade que redesenham a docência sob lógicas de desempenho e restringem espaços de reconhecimento simbólico (Fraser, 2003). Tal contexto tem moldado a ação pedagógica por parâmetros padronizados, obscurecendo sua dimensão pública e repercutindo na autocompreensão profissional de docentes-pesquisadoras. Diante disso, este estudo, desenvolvido em um seminário de pós-graduação, investiga como a escrita autobiográfica, entendida como exercício de memória e autoria, pode servir como dispositivo simbólico capaz de restituir visibilidade aos saberes docentes historicamente marginalizados.

A questão norteadora da pesquisa é: de que maneira as narrativas autobiográficas produzidas e partilhadas nesse espaço formativo podem transformar experiências individuais em argumentos coletivos pelo reconhecimento profissional? Como objetivo, buscamos compreender como a escrita autobiográfica repercute na constituição da identidade docente e na afirmação de dimensões profissionais, como reconhecimento acadêmico, autonomia pedagógica e valorização de saberes experienciais em cenários de precarização. Para sustentar analiticamente essa investigação, articulamos três perspectivas teóricas principais: primeiramente, o conceito de currículo vivido, proposto por Goodson (2022), que destaca como as percepções docentes sobre suas experiências diárias influenciam diretamente a construção de suas trajetórias profissionais. Em

segundo lugar, recorremos à abordagem biográfico-narrativa de Delory-Momberger (2011), que interpreta trajetórias de vida como processos sociais de criação de sentido. Por fim, mobilizamos o conceito de injustiça epistêmica, de Miranda Fricker (2021), que permite analisar o silenciamento e o não reconhecimento das experiências das professoras como formas específicas de invisibilização profissional. Também dialogamos com as reflexões de Ourique e Farias (2024) em relação ao tempo da espera e à potência formativa das narrativas em contextos adversos. Tais perspectivas reforçam a ideia de que a autobiografia opera como suspensão reflexiva capaz de ressignificar experiências e produzir novos sentidos de pertencimento profissional. Nesse caminho compreensivo, os estudos de Nancy Fraser (2003) e Axel Honneth (1995) contribuíram para o debate sobre reconhecimento. Fraser (2003) define a injustiça de reconhecimento como uma negação de status que impede a participação paritária de grupos subalternizados, sendo necessário, para enfrentá-la, reordenar os padrões valorativos que sustentam a desigualdade simbólica. No presente estudo, identificamos carências na esfera da estima social, dimensão em que o valor público de um sujeito é reconhecido por seus pares, evidenciadas pela recorrente deslegitimação da autoridade epistêmica das professoras-pesquisadoras (reconhecimento social de sua legitimidade para produzir, interpretar e validar conhecimento sobre a docência), o que lhes nega o estatuto de produtoras legítimas de saber. Entretanto, quando essas docentes narram suas histórias de vida em primeira pessoa, interrompem esse circuito de silenciamento: ao interpretar a própria trajetória, deslocam o eixo de validação das métricas para a experiência narrada e afirmam-se como sujeitos epistêmicos, produzindo saber sobre o trabalho docente. A circulação dessas narrativas no seminário instaura um espaço de escuta mútua que devolve visibilidade e valor público às experiências partilhadas, transformando sentidos pessoais em reivindicações coletivas de dignidade profissional. Assim, a autobiografia atua simultaneamente como ato hermenêutico de interpretação de si (Ricoeur, 1992) e como gesto político de reconhecimento (Fraser, 2003; Honneth, 2003), reparando a falta de estima social pela legitimação dos saberes experienciais. Adotamos uma metodologia qualitativa autobiográfica. O corpus reúne uma linha do tempo pessoal-profissional e nove registros de diário de aula produzidos por uma das autoras durante um seminário

de pós-graduação (maio-julho/2025), assumindo viés autoetnográfico. A proposta da linha do tempo foi apresentada às participantes como convite à rememoração de suas trajetórias, articulando vivências pessoais e profissionais, com o intuito de estimular a reflexão crítica sobre a própria formação e mobilizar narrativas que servissem de base para a análise das experiências docentes. A análise hermenêutica-reconstrutiva compreendeu: codificação biográfica dos eventos (Goodson, 2022), análise temática do diário com foco em sentimentos de reconhecimento, injustiças epistêmicas e estratégias de resistência, e a triangulação teórica dos autores mencionados.

Identificamos três movimentos analítico-interpretativos: Primeiro, o convite à escrita autobiográfica suscitou, de início, desconforto e incerteza quanto à relevância e legitimidade das narrativas docentes dentro dos padrões acadêmicos, revelando o que Fricker (2021) denomina injustiça epistêmica testemunhal; Segundo, à medida que os relatos circularam, instaurou-se um espaço de escuta e validação recíproca que permitiu às participantes nomear e problematizar episódios de silenciamento e subvalorização de seus saberes experienciais, evidenciando o falta de estima social (Honneth, 2003) e o desrespeito cultural (Fraser, 2003) que atravessa suas condições de trabalho; Terceiro, por fim, a reflexão coletiva sobre essas narrativas converteu-se em ato de elaboração crítica, no qual a autobiografia opera como dispositivo de ressignificação identitária e de reivindicação de reconhecimento profissional, retomando a autoridade epistêmica das professoras-pesquisadoras e tensionando as matrizes tecnicistas de avaliação docente vigentes nas instituições públicas de ensino superior. Esses achados dialogam com o Eixo 3: Políticas curriculares, avaliação e trabalho docente no âmbito local, nacional, regional e global, ao demonstrar como políticas curriculares e processos avaliativos institucionais e orientações curriculares atravessam o cotidiano formativo de professoras-pesquisadoras. Nesse cenário, as narrativas autobiográficas emergem como estratégia crítica para ressignificar o currículo e o trabalho docente, devolvendo centralidade à experiência profissional.

Palavras-chave: Reconhecimento docente. Narrativas autobiográficas. Injustiça epistêmica.



Referências

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 333-346, 2011.

FRASER, Nancy. A justiça social no século XXI: redistribuição, reconhecimento e participação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 117-128, 2003.

FRICKER, Miranda. **Injustiça epistêmica: poder e a ética do conhecimento**. Tradução de Daniel Esdras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GOODSON, Ivor F. **A vida e o trabalho docente**. Petrópolis: Vozes, 2022.

HONNETH, Axel. **A luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

OURIQUE, Maiane Liana Hatschbach; FARIAS, Juliana Machado. O tempo da espera em um tempo extremo: desafios narrativos da formação docente no presente. **Revista de Educação (PUC-Campinas)**, Campinas, v. 29, e2412952, 2024.

RICOEUR, Paul. **Si mesmo como um outro**. Petrópolis: Vozes, 1992.